

J. A. M. DE LOUREIRO
Professor da Faculdade de Medicina de Lisboa

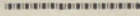
HOMENAGEM DO AUTOR

RICARDO JORGE — HIGIENISTA

EDITORA MÉDICA
LISBOA
1941

RC
MNCT
613
LOU

J. A. M. DE LOUREIRO
Professor da Faculdade de Medicina de Lisboa



Ricardo Jorge — Higienista

Ricardo Jorge — Higienista



PC
HNCT
613
LOU



EDITORA MÉDICA
LISBOA

1941

J. A. M. DE LOUREIRO
Professor da Faculdade de Medicina de Lisboa

Ricardo Jorge — Higienista

Separata da Revista
CLÍNICA, HIGIENE E HIDROLOGIA
Julho de 1941

EDITORA MEDICA
LISBOA

Ricardo Jorge — Higienista

Tendo recebido da redacção deste jornal científico o convite honroso, para escrever um artigo sobre a carreira do Professor *Ricardo Jorge*, como higienista, o meu primeiro movimento foi, naturalmente, procurar as fontes bibliográficas onde pudesse documentar-me em primeira mão.

Constatai então, com surpresa e pesar, que uma colecção completa das obras científicas saídas da sua pena não existia nem na biblioteca da Faculdade de Medicina, nem na da Direcção Geral de Saúde, nem na do Instituto Central de Higiene.

Aqui fica assinalada a lacuna para que algum dos investigadores, que se têm consagrado ao estudo da vasta obra do mestre, procure remediá-la, afim de pôr esse valiosíssimo manancial de conhecimentos ao alcance daqueles que, como eu, por terem escolhida a carreira experimental não dispõem, nem do tempo, nem da técnica um pouco especial, exigidos pela pesquisa de obras dispersas nas mais variadas fontes bibliográficas. Quanto seria vasto esse trabalho testemunha-o, entre outros, o minucioso ensaio crítico de *Eduardo Coelho* (1) que representa uma soma considerável de pesquisa erudita, sustentada e iluminada pela devoção incansável do discípulo.

Sem dúvida o experimentador deve também ler para alargar o âmbito do seu treino, e muito tem a ganhar com a frequência íntima das obras dos grandes espíritos do passado. Mas que obras será êle impellido, por simpatia pessoal, a estudar mais de perto? Naturalmente aquelas que trouxeram à ciência um maior conteúdo de realidade: obras de experimentadores que rasgaram horizontes inéditos no domínio experimental, como as dum *Pasteur* ou dum *Claude Bernard*, obras de observadores penetrantes, que condensaram em escassos volumes as reflexões de uma vida como *Jenner* ou *Budd*. Obras, em suma, que, precisamente por serem riquíssimas de con-

teúdo, podem resumir-se nalguns títulos ou nalgumas frases.

Diferente é, porém, o ambiente espiritual que se respira nos trabalhos de *Ricardo Jorge*. Ficamos assombrados pela facúndia da sua pena incansável. Nos seus escritos perpassam, como no espelho rotativo, que nas experiências de acústica revela a forma de uma fugidía onda sonora, as teorias científicas do seu tempo e as impressões momentâneas do autor, num cintilante vaivem. Reconhecemos, na obra escrita de *Ricardo Jorge*, o improvisador de sínteses brilhantes, o polemista temido, o insuperável erudito, o brilhante orientador de discussões que, durante dezenas de anos, fez do autor uma das mais conhecidas individualidades das reuniões de higienistas internacionais.

Ricardo Jorge pertence à categoria dos espíritos receptivos, tão necessária no mundo científico, como a dos experimentadores. Mais que quaisquer outros, são homens do seu tempo e, por isso mesmo, a sua actividade tem uma prestigiosa influência entre os contemporâneos.

Numa dissertação científica impõe-se a todos o seu conhecimento das teorias científicas do momento, a lucidez com que as expõe e as compara umas às outras, auxiliado por um perfeito conhecimento das línguas estrangeiras. Mas, à medida que os anos passam, muitas das teorias, muitos dos pormenores técnicos ou experimentais que apaixonavam os contemporâneos, e que, pela proximidade da perspectiva, pareciam deformados, perdem a pouco e pouco a importância. É, uma vez a árvore do conhecimento despida da frondosa folhagem das controvérsias de actualidade, destaca-se apenas o perfil sóbrio das realidades, dos factos que resistiram ao tempo. É desses troncos desnudados, só dêles, que brotarão no futuro as florações novas da ciência.

É curioso observar o efeito dessa espé-

cie de Raios X, que representa o recto no tempo sôbre as obras que, como as de *Ricardo Jorge*, devem a sua fôrça e também a sua fraqueza ao facto de terem sido obras intensamente actuais; fôrça por causa da imensa projecção social que tem na «actualidade» do seu tempo, fraqueza, porque, ligadas como estão a essa actualidade, com ela se afastam a pouco e pouco para o limbo, venerável mas distante, das coisas do passado.

O que mais resiste ao tempo em ciência são os factos — e como tal bastaria para perpetuar a memória de *Ricardo Jorge* como higienista a admirável descrição que fêz das epidemias benignas de varíola de que teve ocasião de analisar um excelente exemplo nos Açôres. Foi *Ricardo Jorge* que introduziu na linguagem epidemiológica a designação brasileira tão eufónica de *alastrim* — em contraste feliz com tantos outros nomes bárbaros que enchem os tratados de patologia — foi êle que cristalizou nesse vocábulo pela primeira vez o conceito epidemiológico importante de varíola benigna.

Como disse o próprio mestre «o alastrim existe: é uma realidade epidémica e para disso nos convenceremos basta vê-lo em marcha». Marcha que veio até nós e perpetua a imaginação criadora do grande higienista português. O conceito de alastrim não foi só um assunto de actualidade — é uma aquisição definitiva da ciência.

Mais «temporários», porém, se mostraram alguns dos aspectos mais estritamente actuais da obra de *Ricardo Jorge*. Tal é, por exemplo, a orientação legalista da Saúde Pública. Dizem que a nossa legislação sanitária — obra insigne de *Ricardo Jorge* — é, ou pelo menos foi, das mais perfeitas do mundo. Não impede que as condições sanitárias do nosso País tenham sido, de há meio século para cá, bem pouco satisfatórias. Cito, entre mil exemplos, a legislação sôbre o leite. Cumprida, dar-nos-ia óptimo leite, mas, como facto real, vemos que o leite em Portugal, é sanitariamente, dos piores do mundo. Quere dizer, as leis sanitárias de nada servem a não ser quando codificam o que já esteja adoptado nos costumes. Portanto, a legislação deve ser precedida por um trabalho de educação que terá um duplo fim: preparar os indivíduos para o cumprimento da lei, e abrir os olhos do legislador sôbre os pormenores de redacção e aplicação da lei que melhor se podem adaptar às condições locais. Um curto ano de experiência sanitária confirmou-me inteiramente na ideia, já esboçada ao contacto do empirismo Americano, de

que, só podem ter eficiência e exequibilidade, as medidas e preceitos nascidos directamente da observação das condições locais. De nada serve legislar largamente sôbre assistência, por exemplo, ou sôbre a profilaxia da tuberculose ou das doenças infecto-contagiosas, se não tivermos as organizações e as agências capazes de ocupar-se das ramificações do plano geral junto dos indivíduos.

Não constitue isto crítica à orientação dado por *Ricardo Jorge* à Sanidade Portuguesa. Assim ela era em todo o mundo no momento em que o mestre deu impulso à reforma dos serviços Sanitários que ficou ligada ao seu nome. No mundo inteiro se pensou então que a Saúde Pública era antes de tudo matéria legislativa. E a época áurea das quarentenas, das sanções, das multas.

Essa orientação foi moderna, foi actual, e o homem que a introduziu em Portugal deu assim prova do seu espírito progressivo. Mas será isso uma razão para a conservarmos hoje? Será isso a melhor homenagem a prestar ao espírito de pioneiro que *Ricardo Jorge* revelou naquela reforma? Não julgamos sã esta espécie de saudosismo que consiste em não querer tocar nos legados do passado, mesmo naqueles que pela sua natureza são chamados a tomar parte na vida do presente. Reformando e modificando as leis e costumes legados pelos nossos predecessores, não demonstramos com isso que êles erraram nem lhes faltamos ao respeito. Reconhecemos simplesmente uma coisa que é inútil negar: a marcha fatal e inexorável da vida. Assim, em matéria de Sanidade, querer perpetuar para além da época para que foi criada a orientação sanitária dum mestre da escola de antes da outra guerra, seria uma manifestação tão incongruente de respeito como se, por veneração pelos descobridores portugueses, resolvessemos na época de hoje defender o nosso território com as mesmas armas que outrora os cobriram de glória.

O outro aspecto que talvez valha a pena referir é o que pode ser definido como «o hiper-criticismo do erudito.»

Ricardo Jorge, à semelhança de todos os homens que lêem e estudam mais do que experimentam, revela por vezes nos seus escritos uma desenvoltura um pouco desconcertante no manejo dos conceitos mais opostos e, como procura sempre com ductilidade evitar comprometer-se, aconteceu-lhe por vezes não dar o justo valor a certas descobertas experimentais.

Em *Ricardo Jorge* estamos seguros de

achar sempre infinito saber: tôdas as facetas de uma dada questão serão por êle citadas, examinadas, e é com volúpia que êle fará perpassar diante do leitor tudo o que há de contraditório nas opiniões que se afrontam. Tanto quanto possível, *Ricardo Jorge* evitará pronunciar-se radicalmente por esta ou aquela hipótese; a sua opinião é a própria controvérsia, em que é mestre e que o deleita. Quando, porém, afirma, vê-lo-emos levado pela sua tendência céptica de erudito, a tomar facilmente partido contra as novidades e jogar assim no número branco. É fácil encontrar exemplos disto e, se não julgo inútil nem irreverente citá-los é por considerar de importância mostrar como mesmo sôbre uma personalidade tão admiravelmente dotada êsse cepticismo causou prejuízo.

Permita-se-me, aqui, abrir um parêntesis.

Várias são as maneiras de conceber a história e de prestar homenagem aos grandes homens do passado. Uma delas, e parece-me das que maior vivacidade restitue à memória dos biografados, é chamá-los para junto de nós e fazer reluzir a sua valiosa experiência à claridade, bem viva para nós, dos problemas e das necessidades do presente. Pois bem, podemos para êste efeito considerar *Ricardo Jorge* como um distintíssimo representante de uma atitude de espírito que teve sempre em Portugal numerosos cultores.

Será necessário lembrar que essa tendência para considerar mais a erudição que a experimentação, de preferir a crítica comparativa dos trabalhos alheios à lenta e dura elaboração das próprias observações, domina ainda demais entre muitos cientistas portugueses? Será necessário sublinhar o prejuízo doloroso que isso tem trazido em certos ramos da ciência médica portuguesa — que, de ciência pioneira que foi, desceu pouco e pouco, deixando-se distanciar pela agronomia e veterinária — para citar só estas?

Ilustrar pelo exemplo de uma individualidade tão brilhante os inconvenientes de uma atitude que trouxe nítidos prejuízos à ciência médica portuguesa é sem dúvida fazer obra de actualidade. É aquêlê que o fizer não pode ser acusado de escolher o partido mais forte. Êsse partido é o da erudição. Pensemos, por exemplo, na intensa preparação a que se submetem os médicos que concorrem aos lugares dos hospitais. Mas ao passo que muitos médicos inteligentes estudam pacientemente o vasto domínio da bibliografia médica, quantos se dedicam a desenvolver pessoal-

mente alguns dos seus capítulos? Quantos há que têm coragem de submeter-se à severa disciplina da ciência experimental ou das estatísticas rigorosas? É êste o partido fraco, aquêlê que carece ser defendido com carinho em tôdas as oportunidades.

Voltemos, porém, ao assunto.

Assim, no primeiro volume dos *Arquivos do Instituto Central de Higiene* — a parte mais facilmente acessível da obra do mestre — figuram dois relatórios sôbre a epidemia tífica de Lisboa, em 1912. O primeiro é assinado por *Ricardo Jorge* — 2), o outro por quatro nomes — 3). Êste último relata, num estilo de científica securo, um pertinaz e inteligente trabalho de campo. A seu propósito *Ricardo Jorge* escreveu um bellissimo comentário. Num vernáculo de uma fluência sem igual, lança o seu *verdictum* após uma série de considerações sôbre a febre tifóide em Lisboa e no mundo. «O carácter hídrico (da epidemia), êsse sim, impõe-se desde logo: epidemia explosiva maciça era fatalmente a expressão mórbida dum inficionamento ebértico da água de abastecimento.»

E o que no relatório dos peritos eram factos secos, registo frio de observações de nascentes de água e de explorações de aquedutos, adquire na pena de *Ricardo Jorge* a cintilação da obra literária, salpicada de neologismos e comparações originaes. Serve o relatório de motivo para a apresentação dos numerosos conceitos que o mestre tinha, graças aos seus vastíssimos conhecimentos, tanto em matéria de higienização de águas, como de qualquer outro ramo de medicina sanitária. Assim, a propósito da cloragem de águas, confessa o autor a sua prevenção contra o «nóvel processo» que olhava como «uma espécie de adulteração oficial e como uma hipocrisia da higiene pública, encobrendo com paliativos tortos as pobreza e incúrias da salubridade».

«É sabido que alguns anos mais tarde *Ricardo Jorge* teve o mérito de contribuir decisivamente para que as águas de Lisboa fôssem cloradas, numa altura em que o processo estava já universalmente consagrado.

O que me parece, no entanto, interessante e útil é notar a reacção do erudito em face do «nóvel processo». Ao passo que no experimentador, formado na luta diária contra a realidade que pretende conhecer, há, em regra, um instinto que lhe segreda rapidamente, dentre um tropel de novidades, quais as que o futuro consagrará, o erudito, cujo olhar se concentra no estudo e na interpretação dos textos, tem em face

delas uma atitude não menos instintiva de defesa e cepticismo.

Ricardo Jorge, na sessão do «*Office International d'Hygiène*» a que a passagem citada se refere, ao emitir uma opinião sobre a cloragem, apostou contra aquela que depois se tornou geral e à qual êle próprio mais tarde se rendeu.

Ao «test» da protecção no murganho, para a pesquisa de anti-corpos contra a febre amarela, que fôra ensaiado em Angola e S. Tomé, consagrou *Ricardo Jorge* um pequeno artigo intitulado «La prospection biodémique de la fièvre jaune» (4).

Tratava-se de julgar do valor dum método experimental, cujos resultados estavam ainda em contradição com a evidência clínica e epidemiológica.

Diz *Ricardo Jorge* «Angola a subi une épidémie tenace, de longue durée, de 1860 à 1870. S'il y avait encore des survivants de cette époque, atteints alors de la maladie, ils pourraient fournir des tests positifs, car la fièvre jaune jouit du privilège, unique parmi tant d'infections, de maintenir ses anticorps actifs chez les anciens jaunex, pendant la durée entière de leur vie.

Les âges des prospectés, en Angola, vont de 6 ans à 60. Or, on a trouvé des cas positifs, ce qui est contraire à l'observation épidémiologique; en fait, depuis plus de 60 ans on a enregistré en Angole aucun cas amarillique. Passons à S. Tomé: jamais, que je sache, la fièvre jaune n'a effleuré cette île. Ce fait étrange se répète ailleurs: la positivité se retrouve dans des régions éloignées des foyers endémiques connus, telle que le Soudan Anglo-egyptien, et en fortes proportions. Peut-on conclure que l'infection y est et y séjourne? Je pense qu'une telle conclusion serait inacceptable».

Uns anos depois descobriram-se focos de febre amarela selvática. O enigmático resultado dos «tests» de protecção — de cujo valor e significação nenhum experimentador houvera duvidado no momento em que *Ricardo Jorge* os atacava — apparecia agora sob uma luz nova, uma luz já inteligível ao clínico e ao epidemiologista clássico. Nessa altura *Ricardo Jorge* rendeu-se ao consenso unânime e na sua última e admirável monografia «*La Fièvre Jaune*» (5) — talvez a melhor compilação saída da sua pena — faz-se-lhe a devida justiça.

Outro exemplo da relativa indiferença com que *Ricardo Jorge* tratava as matérias experimentais encontra-se no trabalho «*Sur la séro-prévention de la rougeole au moyen du sang placentaire*» (6). As frases seguin-

tes terminam o artigo «*Cette immunisation, on ne peut la regarder comme passive puisqu'on peut l'obtenir avec des doses insignifiantes de sang en nature et qu'elle demande quelques jours pour s'accomplir. On ne peut pas non plus la considérer comme spécifique; à d'autres infections pareilles, telle que la scarlatine, la même méthode serait peut-être applicable. L'élément préservant doit être de nature protéinique, agissant à la manière des antigènes non spécifiques.*

Si des recherches de laboratoire venaient à établir que les corps actifs du sang placentaire sont des protéines semblables à celles des sécrétions des glandes endocrines, alors, au lieu du placenta humain, ou pourraient essayer celui des mammifères, ce qui assurerait un approvisionnement abondant et irréprochable de sérum antirougeolique, permettant même la prophylaxie en masse».

Parece talvez estranho que um autor tão inteligente, de uma lógica tão penetrante nas suas deduções epidemiológicas, maltrate a propósito do sarampo alguns dos dados fundamentais da imunologia. A chave está na frase um pouco despicente: «Si des recherches de laboratoire...» o laboratório, essa casa onde uns homens trabalham para dar depois matéria às reflexões dos estudiosos. O experimentador nunca diz «estudos de laboratório»: diz estudos de química, estudos de imunologia, de endocrinologia, etc. Não terá, por isso, a mesma tendência de considerar, numa espécie de indiferente conjunto, essas várias contribuições geradas por detrás das paredes fastidiosas do laboratório e a fazer depois na dissertação escrita uma cêlere combinação com antigénios não específicos, proteínas semelhantes às da glândulas endócrinas, imunidade activa e passiva, etc.

A afirmação, ainda que baseada no compulsar de opiniões contraditórias, não é, no entanto, a regra nos escritos de *Ricardo Jorge*. O verdadeiro «clima» do seu espírito é a controvérsia. Nada simboliza tão bem esta tendência como o terceiro volume dos *Arquivos do Instituto Central de Hygiène*, (8) que tem por título, «*Alastrim, variole, vaccine encephalites post-vaccinales*».

Na parte consagrada ao alastrim e que ocupa umas 150 páginas, o autor desenvolve com uma assombrosa cópia de conhecimentos uma discussão, que de resto só os preconceitos antivacionistas tornaram questão magna, visto que a vacina é a profilaxia radical e racional, tanto na *variola major* como da *variola minor*.

Encontra-se nessa exposição um repatório completo de factos observados acêrca da varíola benigna, incluindo os do Delegado de Saúde dos Açores e os resultados duvidosos das inoculações por *F. Santana*, contribuindo *Ricardo Jorge* da maneira que resume nas passagens seguintes:

«Pour *M. Netter*, l'alastrim n'est qu'une maladie provoquée par le virus variolique — une simple mutation reversible du *small-pox*; cela veut dire qu'il se rallie à l'uniformisme. Et il m'attribue l'opinion qu'il s'agit d'une maladie spécifique offrant comme la varicelle de grandes analogies avec la variole, tout en se rapprochant davantage de cette dernière. Or, pour ma part, je n'ai pas tranché la question; au contraire, sur le fond de la nature des deux virus je me suis abstenu de me prononcer — je suis resté agnostique. A notre avis même, le problème tel qu'on le pose n'as pas l'importance qu'on lui accorde. Des maladies très diverses à tout point de vue, peuvent avoir la même nature pathogénique: telle la peste bubonique et pneumonique, telle la mellitococcie et la maladie des avortements, etc.» (8)

«Ce qu'advindra à cet égard à la paravariole c'est le secret de l'avenir. Pour le moment nous ne pouvons que reconnaître une famille variolique ayant pour chef de file le *small-pox* et en flanc l'alastrim, à la suite viennent le *cow-pox*, la *zona-varicelle* et encore certains zoonoses, telles que la *clavelée* et d'autres. C'est une formule provisoire, en attendant qu'on tranche le noeud gordien de la question de *Palastrim*» (8).

Como é curioso, para o experimentador, sempre concentrado na pesquisa de factos positivos, o cepticismo — attitude cuja elegância é incontestável — tão patente nas frases em que *Ricardo Jorge*, numa questão que tomou a peito e considerou a sua questão, confessa ao Snr. *Netter* que ficou agnóstico e não tem nenhuma opinião pessoal.

O mesmo ambiente de rutilante controvérsia reina em todo o segundo volume dos *Arquivos*, (10) dedicado à importante convenção internacional das pestilências. A intervenção de *Ricardo Jorge* nessa convenção limita-se a insistir para que sejam afrouxadas as medidas internacionais de vigilância anti-epidémica.

É com extraordinária habilidade que manobra entre as várias opiniões, conseguindo sempre evitar as posições em que seria obrigado, ou a fazer afirmações categóricas que o pudessem comprometer como autor, ou a apresentar sugestões que com-

promettessem o País, cuja organização sanitária êle sabia ser rudimentar.

Um dos processos favoritos de *Ricardo Jorge* consistia em enxertar sobre um facto de observação epidemiológica de qualquer anónimo ou semi anónimo que possivelmente não o saberia utilizar, o seu caleidoscópico bordado de considerações e deduções. A título de exemplo recordemos o que se passou na epidemia de espiroquetose do Regueirão dos Anjos. O diagnóstico clínico e epidemiológico tinha sido feito por *Gorjão Henriques*, então médico recém-formado que, terminado o seu trabalho de campo, se ausentou de Lisboa. *Ricardo Jorge*, que apreendeu logo a singularidade desta epidemia, apresentou a observação numa nota ao *Bulletin de l'Office International d'Hygiène* (11), em que apenas de passagem se refere ao nome do jovem clínico a quem a descoberta tanto devia Distracção do homem superior, cheio de preocupações, que desejaríamos, no entanto, ver substituir nas novas gerações de Professores por um mais exacto reconhecimento da importância que têm o estímulo e o apoio moral no despertar de vocações científicas nas jovens camadas médicas.

A par destes «fastos epidemiológicos» da nação, para os quais *Ricardo Jorge* estava sempre alerta, forneciam-lhe matéria para literatura científica as actualidades debatidas nos congressos internacionais, de que era assíduo frequentador.

Nesses artigos há uma cópia de conhecimentos — *um trabalho de rememoração erudita* — diante de cuja pamosa vastidão somos obrigados a inclinar-nos e para o qual procuraríamos em vão um paralelo entre os higienistas portugueses de hoje.

Ao erudito — que foi capaz, por exemplo, de redigir a pequena maravilha que é «*Summa epidemiológica*» de la peste (12) — não hesitemos em render a nossa sincera, humilde e admirativa homenagem. Veneremos em *Ricardo Jorge* aquêle que foi no nosso País o último e talvez o mais brilhante representante da medicina literária, simbolizada anteriormente nos espíritos tão inteligentes e tão finos de *Sousa Martins* e de *Manuel Bento de Sousa*.

Veneremo-lo como o tocante representante dessa hora que passou, e admiremos a sua preciosa e duradoira contribuição para a história da medicina. Mais, se o vernáculo é do nosso gôsto deleitemo-nos com a exuberante riqueza do seu estilo.

Mas *summ cuique*. Estas meritíssimas qualidades, pelo facto mesmo de existirem, impõem à personalidade do mestre as suas limitações. Por isso parece-me que, ao mes-

mo tempo que procuramos prestar a justa homenagem à actividade do ilustre desaparecido como higienista, é salutar, para nós que vivemos ainda, anotar à margem em que é que essa figura já não nos pode servir de guia.

De uma forma ou de outra, nós, Portugueses, temos a tendência Sebastianista de gastar uma demasiada fracção do nosso tempo a contemplar e analisar o passado. Ora estamos num período de reconstrução e renovação do mundo inteiro, no qual o estudo do passado deve servir sobretudo de apoio moral, ensino e encorajamento para as tarefas de futuro. Em nome do futuro da Ciência, da Medicina e da Higiene em Portugal, reconheçamos que, qualquer que seja o mérito da erudição, à experimentação deve ser dado um lugar mais importante que até agora na cultura portuguesa. A hora chegou talvez para a nossa ciência médica de enveredar por um caminho diferente daquele que foi trilhado com tanto luzimento por *Ricardo Jorge*.

Abandonemos a improduttiva ambição de tudo saber e tudo julgar, à fé dos textos por outrem publicados. Procuremos antes os nossos problemas, ainda que limitados. Prefiramos às fulgurâncias da controvérsia erudita, um juízo bem formado sôbre assuntos, que nós próprios manejamos. Numa palavra, menos ciência aprendida, mais ciência experimentada, observada — e vida.

BIBLIOGRAFIA

- 1) — *Coelho, E.* — O Professor Ricardo. Livrarias Aillaude e Bertrand — Paris-Lisboa 1929.
- 2) — *Jorge, R.* — A epidemia tífica de Lisboa em 1912 — Relatório I; Arq. Inst. Cent. Higiene. Vol. I Secção Higiene. Fasc. 2.º pg. 131, — 1913.
- 3) — *Marques, M. G.; Sarmiento J. E. U.; Bettencourt, N.; Pego, M. R. Y.* — Ibidem, Relatório II pg. 151.
- 4) — *Jorge, R.* — La prospection biodémique de la fièvre Jaune. Bull. Off. Int. Hyg. 26, fasc. 8 — 19134.
- 5) — *Id.* — La Fièvre Jaune. Arqu. Inst. Hig. Vol. IV., fasc. 1.º — 1938.
- 6) — *Id.* — Sur la sero-prévention de la rougeole au moyen e du sang placentaire — Bull. Off. Hyg. 24, fasc. 6 — 1932.
- 7) — *Id.* — Alastrim et Variole. Vaccine. Encéphalites post-vaccinales — Arqu. Inst. Centr. Hyg. Vol III, fasc. 2.º.
- 8) — *Id.* — Loco citado pg. 128.
- 9) — *Id.* — Loco citado pg. 39.
- 10) — *Id.* — Les pestilences et la convention sanitaire Internationale — Arqu. Inst. Cent. Hyg. Vol. III, fasc. 1.º — 1926.
- 11) — *Id.* — Une epidémie ictero-hémorrhagique à Lisbonne d'origine hydrique «per os» — Bull. Off. Hyg. 24, fasc. 1.º — 1932.
- 12) — *Id.* — «Summa epidemiologica» de la peste Epidémies anciennes et modernes — Ibidem 25, fasc. 3 — 1339.





RÓ
MU
LO

CENTRO CIÊNCIA VIVA
UNIVERSIDADE COIMBRA



1329696743

no tempo que precisaria prestar a justa homenagem à actividade do Mallo. Esta paragem como higienista, é sabida, por não ser vivemos ainda, embora a obra em que é que casa ligada a. Não nos pode servir de guia.

Da sua leitura ou de outra, não participamos, mas a tendência Scholasticista de prestar uma demorada atenção do mesmo tempo a contemplar e analisar o passado. Ora sabemos que o período de transição e renovação do mundo moderno no qual o estado do passado deve servir sobretudo de apoio, e não de modelo a ser seguido, para os esforços de futuro. Assim, a obra de Mallo, de que se trata, não é de grande importância, mas de grande interesse. A obra de Mallo, de que se trata, é de grande importância, mas de grande interesse. A obra de Mallo, de que se trata, é de grande importância, mas de grande interesse.

Assim, a obra de Mallo, de que se trata, é de grande importância, mas de grande interesse. A obra de Mallo, de que se trata, é de grande importância, mas de grande interesse. A obra de Mallo, de que se trata, é de grande importância, mas de grande interesse.

BIBLIOGRAPHIA

- 1) - *Comunicação de Prof. Doutor Mallo* - *Revista de Higiene e Higiene* - *Volume 1* - *1929*
- 2) - *Mallo, R. - A epidemia de Higiene em 1912 - Relatório I, Arq. Hig. e Higiene, Vol. 1, Secção Higiene, Maio 1913, pp. 131-141.*
- 3) - *Mallo, R. - A epidemia de Higiene em 1912 - Relatório II, Arq. Hig. e Higiene, Vol. 1, Secção Higiene, Junho 1913, pp. 142-151.*
- 4) - *Mallo, R. - A epidemia de Higiene em 1912 - Relatório III, Arq. Hig. e Higiene, Vol. 1, Secção Higiene, Julho 1913, pp. 152-161.*
- 5) - *Mallo, R. - A epidemia de Higiene em 1912 - Relatório IV, Arq. Hig. e Higiene, Vol. 1, Secção Higiene, Agosto 1913, pp. 162-171.*
- 6) - *Mallo, R. - A epidemia de Higiene em 1912 - Relatório V, Arq. Hig. e Higiene, Vol. 1, Secção Higiene, Setembro 1913, pp. 172-181.*
- 7) - *Mallo, R. - A epidemia de Higiene em 1912 - Relatório VI, Arq. Hig. e Higiene, Vol. 1, Secção Higiene, Outubro 1913, pp. 182-191.*
- 8) - *Mallo, R. - A epidemia de Higiene em 1912 - Relatório VII, Arq. Hig. e Higiene, Vol. 1, Secção Higiene, Novembro 1913, pp. 192-201.*
- 9) - *Mallo, R. - A epidemia de Higiene em 1912 - Relatório VIII, Arq. Hig. e Higiene, Vol. 1, Secção Higiene, Dezembro 1913, pp. 202-211.*

